

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Influências modernistas na história da medicina de Pedro Nava

Greyce Kely Piovesan*

Resumo: Pedro Nava é muito conhecido por seus livros de *Memórias*, que misturam as lembranças pessoais de um médico mineiro com a história cultural e política brasileira. Porém, antes mesmo de publicar seus trabalhos memorialísticos, Nava se dedicou à história da medicina, publicando dois livros principais: *Território de Epidauro* (1947) e *Capítulos da História da Medicina no Brasil* (1949). Este trabalho pretende analisar estas duas obras, identificando as fontes utilizadas pelo autor e as influência que intelectuais como Gilberto Freyre, Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Mário de Andrade tiveram na obra historiográfica do médico, memorialista e historiador Pedro Nava.

Palavras-chave: Pedro Nava – História da Medicina – Intelectuais

Abstract: Pedro Nava is well known for his books of *Memorias*, which combine personal reminiscences of a doctor from Minas state with Brazilian political and cultural history. However, before publishing the *Memorias*, Nava was dedicated to the history of medicine, publishing two principal works: *Território de Epidauro* (1947) and *Capítulos da História da Medicina no Brasil* (1949). The purpose of the present work is to analyze these two books, identifying the sources used by the author and the influence that intellectuals such as Gilberto Freyre, Nina Rodrigues, Arthur Ramos and Mário de Andrade had on the historical work of the medic, memorialist and historian Pedro Nava

Keywords: Pedro Nava – History of medicine – Intellectuals

Pedro Nava é muito conhecido por seus livros de memórias, que misturam ficção e história política e cultural brasileira. Sua escrita foi influenciada pela cultura literária modernista da década de 1920, na qual o autor teve participação ativa durante o período que cursou medicina em Belo Horizonte. Mas também não devemos esquecer que Nava foi, sobretudo, médico, interessado nas questões ligadas a política e a sociedade e na construção de uma história brasileira.

Nava exerceu seu trabalho de médico em Belo Horizonte e em Juiz de Fora trabalhando como funcionário da Saúde Pública do Estado de Minas Gerais. De 1931 a 1933, foi médico no interior de São Paulo, em Monte Aprazível. Após este período mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até a sua morte. Como fruto de suas pesquisas na área da medicina, escreveu mais de 350 artigos que foram apresentados em congressos médicos ou publicados em revistas científicas. Em grande parte desses escritos

tratou da reumatologia, especialidade a que Nava dedicou muitos anos de sua atividade profissional (VALE, 2002).

Em meio à multiplicidade da vida e da obra de Pedro Nava, tratamos em nosso trabalho do médico-historiador, que dedicou muito de seu tempo a escrever e a pesquisar sobre a história da medicina.

O primeiro livro do autor, *Território de Epidauro*, foi editado em 1947 e reeditado em 2003. Neste livro, Nava reuniu artigos que tratam de medicina, escritos de uma forma menos acadêmica, que permitiram ao autor tomar a liberdade de expressar suas opiniões sobre o tema. Neste trabalho, não utilizou citações completas dos documentos usados como fontes nem colocou bibliografia no final do livro. Os artigos tomaram forma de relato pessoal sobre os estudos que Nava vinha fazendo.

Escrevendo sobre a história da medicina, mais de vinte anos depois de participar do círculo dos modernistas, Pedro Nava utilizou fontes muito interessantes para contar alguns “capítulos da história da medicina no Brasil”.

No primeiro artigo de *Território de Epidauro*, Nava tratou das origens portuguesas da “Arte”¹ brasileira, buscando no misticismo a origem dos métodos populares de medicina. Tais práticas estavam baseadas na mentalidade cristã de que a doença seria a ira de Deus sobre os povos. Segundo Nava, essa foi a medicina que veio para o Brasil e continuaria viva na nossa medicina popular. Nava atenta para a literatura médica lusitana até o século XVIII, que esclarece essas afirmações. A literatura dos séculos passados foi, muitas vezes, consultada pelo médico-historiador procurando buscar as raízes das crenças populares e princípios da medicina erudita.

Quando discorreu sobre a “noção sacrificial” de certos tratamentos, Nava citou o trabalho do amigo Mário de Andrade, *Namoros com a medicina* (ANDRADE, 1980), em que o autor trabalhou com as crenças na cura através dos excretos, e com o valor terapêutico da música. Assim como Mário de Andrade, Nava estava buscando analisar as fontes vindas do imaginário popular. A aceitação de determinadas práticas terapêuticas, para Nava, assim como para Mário de Andrade, estava atrelada a um “psiquismo profundo” ligado às concepções ditadas pela cultura, que ignoravam as “luzes trazidas pelo apuro da Civilização” (NAVA, 2003a:65).

Para legitimar suas hipóteses, Nava buscou exemplos em mitos, lendas populares e no folclore, analisando o que significavam as expressões e o que estaria por trás do simples

¹ Em muitos momentos de seus trabalhos Pedro Nava usa o termo Arte como substituto para medicina.

falar, defendendo que essa atração pelas coisas do corpo vivo, pelos tratamentos viscerais, tinha suas raízes na origem psicológica que buscava a cura através do próprio corpo vivo.

Deste modo, Pedro Nava, mesmo tendo formação médica, e estando inserido no sistema médico moderno, no qual a legitimidade dos diagnósticos e da terapêutica só é válida dentro dos princípios científicos estabelecidos pela própria medicina, dava importância à medicina popular e lhe conferia historicidade. Porém, a valorização dos conhecimentos e práticas da medicina não erudita estava restrita apenas ao âmbito da pesquisa histórica, e não como prática efetiva de cura. De acordo com ele, muitas conclusões interessantes poderiam resultar das pesquisas das práticas médicas ligadas à feitiçaria (NAVA, 2003a:111), no entanto, não admitiu que tais elementos passassem a ser mais do que fontes históricas.

Para escrever a história da medicina, Pedro Nava também usou um procedimento muito próximo ao do médico, sempre atento a um detalhe que pode ser revelador. Estas pistas “infinitesimais” permitiram a Pedro Nava captar uma realidade mais profunda, que não atingiria de outra forma. Isto se deve ao “modelo da semiótica médica: a disciplina que permite diagnosticar doenças inacessíveis a observação direta na base de sintomas superficiais, às vezes, irrelevantes ao olhos do leigo”.(GINZBURG, 1989: 150-151)

Um exemplo disso é o uso que Nava fez de fontes incomuns, ao menos, não óbvias, como livros escritos nos séculos XVIII e XIX, e que circularam pelas colônias americanas. Ao lado desses livros, circulavam também manuscritos contendo receitas e ensinamentos, os quais foram utilizados por Nava como fonte. O autor deu grande importância a esses manuscritos, chegando, até mesmo, a transcrevê-los em *Território de Epidauro*.

Escrito na mesma década de *Território de Epidauro*, *Capítulos da história da medicina no Brasil* trata da medicina de uma forma mais acadêmica do que o primeiro livro, mas usando fontes muito parecidas com as usadas anteriormente. Este trabalho, reúne oito textos que foram publicados na *Revista Brasil Médico Cirúrgico*, de 1948, e um artigo intitulado “*Rio 400 anos de medicina*” publicado pela revista *Rassegna Médica e Culturale*, que reuniu textos que tratam da medicina e suas práticas na história. Nos deteremos sobre dois artigos contidos nessa obra que tratam da formação da medicina erudita e popular brasileira.

Em *Introdução ao Estudo da História da Medicina no Brasil*, primeiro artigo do livro, Nava explicita que tipo de documentos devem ser utilizados para a pesquisa histórica:

Os que tratam da cultura e dos costumes do índio brasileiro na época da Descoberta e nos períodos subseqüentes; os que tratam da cultura e dos costumes dos grupos negros que entraram no Brasil com o tráfico africano; os que se referem à Medicina Portuguesa coeva, não só ponto de vista de sua literatura médica, como do da legislação metropolitana que dizia respeito às instituições sanitárias e ao exercício da internística, da cirurgia e da arte obstétrica; os que tratam das doenças do índio e do negro; os fornecidos pela medicina popular, pelo folclore e pela literatura de costumes, tomados como material de pesquisa sobre as concepções populares de doença e dos remédios; os trazidos pela imprensa leiga, como reflexo da vida da coletividade; e, por fim, os que nossas leis sobre a higiene e o ensino, os relatórios e os regulamentos, monografias, compêndios e tratados publicados no país (NAVA, 2003b: 18)

Para ele, a história da medicina seria inútil se feita apenas de fatos cronologicamente datados. Essas idéias, dentro do estudo da medicina, “não podem ser explicadas por datas, mas pelo conteúdo doutrinário que encerram ou pelos princípios filosóficos que representam” (NAVA, 2003b:11). A cronologia deve vir depois, para que sirva de auxílio ao entendimento das idéias médicas. Com essa afirmação, percebemos qual tipo de abordagem Nava pretendeu utilizar em sua história da medicina. Foi para fazer essa história ligada a um contexto maior do que simplesmente as datas e os fatos, que Nava usou essas fontes variadas que não se limitavam a documentos oficiais.

A literatura foi o foco da atenção de Nava, muitas vezes em suas pesquisas históricas. A prosa de ficção, a poesia, o teatro, eram “um mundo inexaurível de documentos que [poderiam] servir ao médico historiador”.(NAVA, 2003b:10)

Nava não se restringiu à literatura médica, tendo um leque maior de leituras e reflexões. Durante boa parte de sua obra, explicita suas idéias em relação à história, à antropologia e sobre sua metodologia na análise das fontes da pesquisa. A influência das discussões sobre a formação do povo brasileiro, de que tanto se falou nas décadas de 1930 e 1940, fica evidenciada. Essa formação, que estava além da formação tradicional de médico, foi o que possibilitou a Pedro Nava escrever sua história da medicina. Nava também trouxe breves discussões a respeito de assuntos ligados às ciências humanas, usando, em seus trabalhos, autores como Gilberto Freyre, Arthur Ramos e Nina Rodrigues² que serviram de apoio para analisar suas fontes.

² Encontramos ainda em sua bibliografia autores como: Oswaldo Cabral, *Medicina, médicos e charlatães do passado*, Alfredo Nascimento (cita pelo menos três obras desse autor), Euclides da Cunha, *Os Sertões*, Machado de Assis entre outros.

Estes três autores citados pelo médico-historiador tinham em comum a preocupação com as origens do povo brasileiro e, pretendiam, através de suas pesquisas, construir um modelo do caráter nacional. Fizeram parte de toda uma geração de intelectuais que buscaram na língua, nas tradições populares, no folclore e na raça os critérios da definição da nacionalidade (CHAUÍ, 2001:18)

Nava citou, em pelo menos dois artigos de *Capítulos da História da Medicina no Brasil*, ambos tratando de medicina popular envolvendo influências da cultura negra, européia e indígena, duas obras de Gilberto Freyre: *Casa Grande e Senzala*, editado primeiramente em 1933, e *Novos Estudos Afro Brasileiros*, publicado em 1937.

Gilberto Freyre defendeu, em *Casa Grande e Senzala*, a ideologia do caráter nacional brasileiro em que a nação foi formada pela mistura das três raças, gerando uma sociedade mestiça. Por esta razão, esta sociedade desconhecia o preconceito racial e negros e brancos se completavam, num trânsito contínuo entre a casa grande e a senzala.(CHAUÍ, 2001:26)

Para Freyre, os negros eram dotados de um misticismo quente e voluptuoso, que aumentou a sensibilidade e a imaginação do brasileiro, além da alegria e bondade inatas. Pedro Nava se mostrou de acordo com essas teorias, quando indicou o negro como responsável pela herança alegre das expressões artísticas da música popular e pela religiosidade compósita que influenciou fortemente a medicina do povo brasileiro.(NAVA, 2003b:23)

José Maria Cançado, em *Memórias videntes do Brasil – A obra de Pedro Nava*, tratando das *Memórias*, estabelece uma relação entre o médico e memorialista e Gilberto Freyre. Segundo Cançado, o ponto em comum entre os dois trabalhos foi a formação da família patriarcal brasileira. Nava, em suas *Memórias*, e Freyre, em seus escritos de análise sociológica, foram “movidos pela obsessão de articular o que ainda não tem nome” (CANÇADO, 2003:149), as questões familiares no Brasil.

Porém, tal semelhança data de antes dos escritos memorialísticos de Pedro Nava. Nos dois livros que analisamos neste trabalho, a influência de Freyre foi considerável, constando na bibliografia citada por Nava. Em muitos momentos de seus escritos, o médico historiador se utilizou da interpretação paternalista oferecida por Freyre em *Casa Grande e Senzala* sobre a ação civilizatória dos portugueses, que introduziram a unidade religiosa e lingüística, a tolerância racial e a mestiçagem.

Os negros foram colocados, por Nava, como “parte integrante da civilização brasileira” (NAVA, 2003b:23) e o preconceito sofrido por eles ainda persistia³ apenas para uma minoria de brasileiros que não olhavam para suas características físicas claramente herdada dos africanos. Para provar tal afirmação, bastava olhar para a “escalada social do mulato, do caboclo ou da mistura mais complexa dos dois” explicitada na galeria dos retratos dos Presidentes da República e suas feições mestiças. Aqui está mais um indicativo das influências de Freyre na obra de Nava: a crença numa democracia racial, consequência da mescla das três raças, pensada também no plano cultural.

Pedro Nava, em um artigo intitulado *Introdução ao Estudo da História da Medicina no Brasil*, tratando da influência dos negros na medicina brasileira, citou o trabalho do “Mestre” Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*⁴.

Assim como fez Rodrigues, Nava traçou o perfil do brasileiro afirmando que o povo foi formado por uma população *morena*, fruto da mestiçagem entre portugueses, índios e negros. Esta população “na sua maioria não tem quase mais nada de africano, perdeu também muito das características do celta e do godo que lhe haviam sido ministradas pelo português”.

Nava buscou uma origem para população brasileira, através do “complexo racial, psicológico e cultural” (NAVA, 2003b:22-23) no qual o negro estaria totalmente envolvido.

Para ele, o Brasil era um país de “dupla personalidade”, com uma organização jurídica e uma religião aparentemente portuguesas, e uma

outra concepção de direito pessoal, da reivindicação e da crença sobrenatural, comprimidas pela força e que explodem às vezes drasticamente na criminalidade individual e particularíssima do mestiço e do negro, da delinquência coletiva, recorrente dos cangaceiros do Nordeste e dos bandidos de Minas e São Paulo, na religiosidade armada do Bom Jesus do Conselheiro e do Juazeiro do Padre Cícero.
(NAVA, 2003b:23)

A forte influência de Nina Rodrigues e suas idéias de formação nacional ficam explícitas no trecho acima, em que a mestiçagem diminuiu as “capacidades relativas de civilização e progresso” (RODRIGUES, 1982:13) do brasileiro.

Nava afirmou que essa infiltração do negro na cultura brasileira fez nascer o

modo de ver do nosso vulgo que encara de um ponto de vista místico-teúrgico análogo ao da medicina pré-hipocrática, tanto a moléstia quase sempre tida como

³ Nava está escrevendo em 1949.

⁴ Pedro Nava se dirigiu a Nina Rodrigues como Mestre.

castigo divino, como o tratamento quase sempre dominado pelas dominações do sacrifício e da purificação. (NAVA, 2003b:24)

Isto resultou na dupla forma do povo brasileiro “encarar as coisas”, relutando contra as soluções de terapêuticas oficiais, vindas dos médicos clínicos ou sanitaristas. Outra resultante desse processo de mestiçagem cultural, que foi, segundo Nava, a provável responsável pela agravação de problemas nosológicos e por inúmeras mortes, foi a propagação, pela medicina popular, dos curandeiros, pais-de-santo, feiticeiros, homeopatas e médiuns. Tudo isto, para Nava, emanou principalmente da cultura africana e ainda de um “lastro primitivo de práticas e crenças de origem caldaica, semita, mediterrânea, cristã e indígena [...]” (NAVA, 2003b:24) formando a medicina popular brasileira, cuja origem Nava buscou através das explicações de Nina Rodrigues.

Pedro Nava também algumas obras de Arthur Ramos para compor sua história da medicina brasileira: *O negro brasileiro*, *As culturas negras no Novo Mundo* e *Introdução à antropologia brasileira*. Nestas três obras, Ramos examinou a cultura negra, valorizando sua atuação na construção da identidade brasileira.

Pedro Nava usou os conceitos de Arthur Ramos para delinear a religião dos diferentes grupos africanos, relacionando o culto às divindades com as práticas curativas dessa cultura. Ainda, foi elaborado por Ramos o conceito de cultura usado por Nava. Ramos defendeu em *As culturas negras no Novo Mundo* que, em vez de raças, que designavam apenas grupos com características físicas comuns devia-se utilizar o termo cultura, que compreendia as ciências, as crenças, a moral as leis e os costumes adquiridos no convívio social de um povo (RAMOS, 1979:16). Todas as vezes que Nava tratou dos negros, dos indígenas e dos portugueses se apropriou dessa designação de cultura.

A isso se juntou a idéia positivista da ciência neutra, muito enfatizada por Arthur Ramos e por outros intelectuais da época, em que o objeto de pesquisa do cientista social não poderia ser estudado com o critério subjetivo e, sim, tratado como material humano de pesquisa, objetivo e livre do sociologismo romântico que comprometeria a visão real dos seus problemas (RAMOS, 1979, XX-XXI).

Arthur Ramos buscou respeitar os diferentes grupos autóctones, sem tratá-los como um grupo homogêneo. Nava usou a mesma metodologia para se referir às práticas terapêuticas indígenas, pesquisando nos relatos transmitidos pelos viajantes

apenas o que havia de objetivo neles, nos elementos que permitissem situar o nosso íncola do ponto de vista de sua cultura – discriminativo e levando em conta as

diferenças maiores ou menores, existentes entre cada tribo, segundo aliás o critério adotado por Arthur Ramos. (NAVA, 2003b:187)

Porém, acreditamos que essa percepção da pesquisa histórica foi ainda influenciada pela década modernista de 1920, e amadurecida pelos anos seguintes por outros livros que trataram de sociologia, antropologia e historiografia. Esta discussão merece uma análise maior, que o tempo não nos permite fazer aqui, abarcando as obras de maior relevância para o período que podem ter influenciado, também, esse autor que tratamos.

Referências bibliográficas:

- ANDRADE, Mário. **Namoros com a medicina**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes; Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980.
- CANÇADO, J. M. **Memórias videntes do Brasil**: a obra de Pedro Nava. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. 4ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- GIZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Trad: Frederico Carotti. São Paulo: Cia da Letras, 1989.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- LIMA FILHO, Henrique Espada Rodrigues. **Descirreconstrução**: cultura e memória em Pedro Nava. Florianópolis: UFSC, 1993.
- NAVA, Pedro. **Baú de ossos**. Memórias 1. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.
- _____. **Beira-mar**. Memórias 4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- _____. **Território de Epidauro**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê editorial; Oficina do Livro, 2003(a).
- _____. **Capítulos da história da medicina no Brasil**. Cotia: Ateliê Editorial; Londrina: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003(b).
- RAMOS, Arthur. **Introdução à antropologia brasileira**. 1º vol. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.
- _____. **As culturas negras no Novo Mundo**. 4. ed.- São Paulo: Nacional, 1979.
- RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 6ª ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: Ed. UnB, 1982.
- _____. **A obra de Pedro Nava como contribuição ao estudo da História da Medicina Brasileira (1890-1940)**. In: XIII Encontro Regional de História, 2002, Belo Horizonte. Anais do XIII Encontro Regional de História - ANPUH-MG. Juiz de Fora : Clio Edições Eletrônicas, 2002. p. 106-125.